

DANTE GALLIAN



A LITERATURA



COMO REMÉDIO

OS CLÁSSICOS E A SAÚDE DA ALMA

MARTIN  CLARET

2

A Literatura como remédio

AS NARRATIVAS, A LITERATURA E SEU PAPEL NA HISTÓRIA DAS CIVILIZAÇÕES

Em um tempo dominado pela ciência e a tecnologia como o nosso, onde a arte em geral e a literatura em particular desempenha um papel considerado subsidiário ou mesmo dispensável (mera diversão ou entretenimento — e entretenimento dos menos estimulantes, diga-se de passagem), a afirmação de que num passado não tão distante esta mesma literatura constituía-se em elemento central na estruturação da cultura das sociedades e na formação de seus indivíduos deve soar como algo estranho.

Curiosamente, entretanto, aquilo que hoje é visto como algo de importância relativa e

complementar (espécie de verniz cultural ou erudição) foi, em todas as culturas humanas, das mais primitivas às mais sofisticadas, o elemento estruturador por excelência.

Claro que, em nome da precisão científica, ao retrocedermos muito no tempo e ao ampliarmos ao máximo nosso escopo antropológico, o termo mais acertado seria narrativa, e não literatura, já que este último corresponde apenas à forma escrita da primeira — forma esta que só veio a existir muito recentemente na longuíssima história da narrativa, que na sua origem é oral, e assim segue sendo em muitos lugares e contextos, convivendo ou não com a escrita.

De qualquer forma, seja na forma oral ou escrita, as narrativas, as histórias desempenharam (e ainda desempenham, em muitas culturas) papel essencial na definição e promoção de crenças, princípios e valores das sociedades.

Em primeiro lugar, eram as narrativas que delineavam as identidades das comunidades, estabelecendo uma origem e uma trajetória específica que as distinguiam e, muitas vezes, demarcavam seu destino histórico. O exemplo do povo hebreu é talvez um dos mais emblemáticos e conhecidos: fundamentados nas narrativas que, em certo momento de sua história, foram decantadas nos escritos que formaram os livros

da Bíblia, os hebreus estruturaram sua identidade como o povo escolhido por Iahweh, depositário de uma aliança e de uma vocação histórica de alcance universal na perspectiva da salvação da humanidade. Entretanto, segundo Mircea Eliade, um dos mais importantes estudiosos das ideias e crenças religiosas da contemporaneidade, toda e qualquer comunidade de seres humanos que se tenha notícia na história possui ou alguma vez possuiu um mito de origem — uma história ou um conjunto de histórias — que demarca sua identidade, específica e, ao mesmo tempo, determina crenças, valores, princípios, ideias, práticas, costumes e instituições.¹

Coerentemente com esta função de determinação da identidade e do ethos da comunidade, as narrativas desempenhavam também um papel essencial no processo de formação de seus indivíduos. É ainda Mircea Eliade² quem aponta que, nas sociedades antigas, toda a educação dos jovens, por exemplo, estava inteiramente fundamentada na recitação das narrativas sagradas ou na leitura e estudo dos textos tradicionais, quando

¹ ELIADE, Mircea. *História das Crenças e Ideias Religiosas*, Vol I. Trad. Roberto Lacerda. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.

² Idem.

se tratavam de sociedades que já haviam desenvolvido a escrita.

De acordo com Werner Jaeger, autor da monumental *Paideia: a formação do homem grego*, “a história da educação grega coincide substancialmente com a da literatura”.³ Assim, na história do povo que plasmou a Civilização Ocidental, vemos como a literatura, em particular a poesia épica, apresenta-se como o elemento formativo por excelência, aquele que serve de base e referência para a edificação do homem virtuoso — o ideal e fim de toda educação helênica e, à larga, de todas as grandes civilizações que a sucederam, pelo menos no mundo ocidental.

Segundo Jaeger, é na Grécia Antiga que a educação se apresenta, pela primeira vez, como formação, “isto é, a modelação do homem integral de acordo com um tipo fixo”.⁴ Tipo fixo este que, por sua vez, não se identifica a princípio com uma ideia ou um conceito, mas sim com uma ou um conjunto de personagens que revelam sua maneira de pensar, falar e agir por meio de uma

³ JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. Trad. A. Parreira. São Paulo, Martins Fontes, 2001, p. 19.

⁴ *Ibid.*, p. 45.

trama dramática de acontecimentos plasmados numa narrativa. Assim, no processo de “formação da personalidade” do nobre ou líder aristocrático de grande parte da história da civilização grega, os exemplos e referenciais de virtude são todos extraídos dos poemas homéricos, a *Ilíada* e a *Odisseia*. Era leitura, pela recitação e pela glosa destes poemas, da consideração, reflexão e da introjeção das histórias dos heróis ali contadas, que boa parte da juventude helênica aprendia o que era o ser humano e o que era ser humano de verdade, isto é, ser virtuoso. Tratava-se, segundo Jaeger, do “efeito pedagógico do exemplo”.

Nos tempos primitivos, quando ainda não existia uma compilação de leis nem pensamento ético sistematizado (exceto alguns preceitos religiosos e a sabedoria dos provérbios transmitida via oral de geração em geração), nada tinha, como guia da ação, eficácia igual à do exemplo. Ao lado da influência imediata do ambiente e, especialmente, da casa paterna, influência que na *Odisseia* exerce um poder tão grande sobre as figuras de Telêmaco e Nausícaa, encontra-se a enorme riqueza de exemplos famosos transmitidos pela tradição das sagas. Desempenham na estrutura social do mundo arcaico um papel quase idêntico ao que entre nós cabe à História, sem excluir a história bíblica. As sagas encerram todo o tesouro

dos bens espirituais que constituem a herança e alimento de cada nova geração.⁵

Tal papel formativo da literatura na Antiguidade, em especial da poesia de Homero (que segundo Platão foi o educador de toda a Grécia),⁶ fundamentada no poder do exemplo, explica-se, segundo Jaeger, pelo fato desta promover o encontro entre as dimensões estética e ética da experiência humana. Ao mobilizar, por meio de suas palavras e imagens, as forças estéticas da experiência humana, a poesia desperta (este é o significado da palavra grega *aesthesis*) e ativa a dimensão ética, moral, do ser humano, que, na visão antropológica antiga, habita dormente o coração do homem. Neste sentido, aprendemos com os gregos, desde os tempos homéricos, que “a arte tem um poder ilimitado de conversão espiritual”;⁷ um extraordinário poder humanizador.

Dentre as muitas descobertas e contribuições que herdamos dos gregos, esta, sem dúvida, foi uma das mais importantes e duradouras na história da Civilização Ocidental. A educação calcada no modelo da formação pelo exemplo, e este advindo

⁵ Ibid., p. 57-8.

⁶ Cf. *República*, 606. Apud. JAEGER, op.cit., p. 61.

⁷ JAEGER, W. Ibid., p. 62.

principalmente da poesia, das histórias, das narrativas, da literatura enfim, predominou de forma quase hegemônica e não apenas no âmbito da instrução das elites, mas de praticamente todas as camadas da sociedade.

Por outro lado, é interessante notar que a outra grande corrente cultural que ajudaria a plasmar o mundo ocidental, a do judaísmo-cristianismo, apesar de trazer elementos diferentes do ponto de vista dos princípios éticos e valores morais, apresentava uma dinâmica pedagógica muito semelhante: fundamentada também na formação pelo exemplo, transmitido pelos textos sagrados.

Assim, seja por meio das gestas dos heróis homéricos, seja através dos relatos históricos e poéticos dos livros judaicos, seja através das palavras e ações de Jesus Cristo e seus apóstolos, narrados pelos evangelistas, ou, melhor ainda, seja através da confluência de todas essas fontes e narrativas, foi-se dando o processo de formação humana no âmbito da cultura Ocidental. E tudo isso em meio a inúmeras outras influências e contribuições oriundas das mais variadas origens e procedências que culminaram na configuração de uma profusão de histórias dos mais diferentes gêneros e estilos, compartilhadas nas mais diferentes idades, culturas, estamentos ou classes sociais.

A MARGINALIZAÇÃO DA LITERATURA

No contexto de todo este quadro histórico, é curioso (e importante) observar, entretanto, que, paradoxalmente, o outro grande modelo de formação que se constituiu no âmbito da cultura Ocidental e que viria mais tarde, inclusive, a desbancar o modelo tradicional fundamentado na literatura, teve a sua origem também no mesmo lugar: na Grécia — ainda que num período histórico um pouco mais tardio: na época Clássica.

Trata-se do modelo fundamentado não mais no exemplo, mas no conceito; oriundo não mais de uma narrativa, mas de uma demonstração; identificado não mais com a literatura, mas com a filosofia.

Havendo herdado, como todos os outros povos da Antiguidade, sua identidade, seus princípios, crenças e valores éticos por meio das narrativas, os gregos, entretanto, inovaram, ao procurar questionar e justificar esses mesmos princípios, crenças e valores por meio da investigação racional. Dessa forma, o estatuto de verdade das coisas, seja das coisas físicas ou das coisas metafísicas, antes encontrável e transmitido pelos textos literários, passou para o domínio do a priori ignorado e subjacente, passível de ser encontrado pelo exercício da razão investigativa e transmitido por um novo tipo de texto: o filosófico.

Inicia-se aqui a dinâmica que possibilitará, alguns séculos mais tarde, o nascimento da ciência, tal como a conhecemos e, com ela, o modelo de educação baseado no pensamento científico — processo este também responsável pelo divórcio entre a dimensão da experiência estética e a dimensão do reconhecimento ético no contexto da formação humana.

Tal processo, entretanto, não se deu de forma imediata e tampouco linear. Em seu nascimento, a filosofia ainda pouco se distinguia da literatura, sendo que a sua base e fonte de conhecimento e indagação continua sendo, em boa medida, esta última. Entretanto, já no período clássico, ao lado de uma educação humanística, destinada a formar os homens no modelo da virtude a partir das narrativas literárias, uma outra educação, de caráter mais “técnico” e “científico”, começa a emergir, assumindo, com a passagem do tempo, um papel cada vez mais importante.

Durante o período da Antiguidade Tardia, assim como ao longo de toda a Idade Média, os dois modelos conviveram, às vezes de forma harmoniosa, às vezes conflituosa, porém, sempre com a preponderância do modelo tradicional, o que garantiu o prestígio da literatura como fonte de conhecimento e educação. Pode-se dizer que apenas depois da chamada revolução científica,

no século XVII, começou a ocorrer também uma revolução epistemológica e educacional, que levaria ao desbancamento do modelo humanístico e a correspondente marginalização da literatura como elemento estruturador do conhecimento do mundo e da formação do homem.

De acordo com Antoine Compagnon, autor do pequeno mas brilhante *Literatura Para Qué?*, no início do século XIX, “Bonald, pensador [francês] da reação, [já] descrevia o que ele chamava de ‘a guerra das ciências e das letras’”.⁸

As “ciências exatas” e as “letras frívolas” — eram os termos dele [Bonald] — disputavam o papel da moral, mas as ciências começavam a gozar de um prestígio superior: “Tudo anuncia proximamente a queda da república das letras e o domínio universal das ciências exatas e naturais”, concluía Bonald...⁹

Ainda que de maneira não tão universal nem tão definitiva, a profecia de Bonald acabou por se cumprir pouco tempo depois, pois, já no começo do século XX, não apenas as ciências exatas e naturais, mas também as ciências humanas e

⁸ COMPAGNON, Antoine. *Literatura Para Qué?* Trad. Laura T. Brandini. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2009, p. 26.

⁹ Ibid., p. 27.

sociais impunham-se como os meios legítimos e autorizados de conhecimento, tanto do universo físico quanto também das realidades humanas. Nesse sentido, toda a educação deveria estar fundamentada também no modelo científico.

É a partir desse momento que a literatura, que obviamente não deixou de evoluir e acompanhar todo esse processo de transformação, começa a ser considerada, pelo pensamento hegemônico, como uma forma de distração, de entretenimento, útil enquanto verniz erudito, porém dispensável do ponto de vista do conhecimento e do sentido prático da vida.

Sua permanência nos currículos escolares, por exemplo, se justifica apenas por sua significância histórica: estuda-se literatura para se conhecer melhor o pensamento de uma época, identificar seus padrões ideológicos e possibilitar análises comparativas. De meio para o conhecimento do homem, ela se transforma em objeto das ciências humanas, justificando inclusive o aparecimento de novas disciplinas, departamentos e faculdades nas instituições do novo modelo.

A crítica literária, que se desenvolve prodigamente nesse ínterim, contribui inclusive, mais que nenhuma outra ciência, para este enquadramento disciplinar da literatura — principalmente a grande literatura, a considerada clássica — alijando-a do

homem comum, não-especialista, caracterizando aquilo que Todorov chamou de “sequestro da literatura pela crítica”.¹⁰

A LITERATURA NA RESISTÊNCIA

Apesar de todo esse processo histórico característico da Modernidade, a literatura, ainda que desbancada, marginalizada e sequestrada, não deixou de resistir. E, ainda que de forma muitas vezes subversiva, ela aparece como uma importante alternativa diante da desumanização.

Mesmo no auge da fé no conhecimento filosófico e depois científico, não foram poucos os que defenderam a literatura como meio de instrução e formação humana privilegiado. “De Horácio a Quintiliano e ao classicismo francês”, afirma Compagnon, “a resposta será a mesma: a literatura instrui deleitando, segundo a teoria do *dulce et utile*”.¹¹

Em pleno século XVIII, quando o pensamento iluminista, fundamentado no princípio das

¹⁰ TODOROV, T. *Literatura em Perigo*. Trad. Caio Meira. São Paulo, DIFEL, 2009.

¹¹ COMPAGNON, A. *Ibid*, p. 31.

categorias racionais, começava e emergir com toda força no meio intelectual, o autor do revolucionário romance *Manon Lescaut*, Antoine François Prévost, em prefácio à sua primeira edição, fazia ainda eco à concepção do poder educador do exemplo pela da literatura:

Além do prazer de uma leitura agradável, poucos acontecimentos encontrar-se-á que não possam servir para instruir os bons costumes; e, a meu ver, esta é uma considerável prestação de serviços ao público, instruindo-o ao mesmo tempo em que o diverte.¹²

Segundo Compagnon, durante o “Século das Luzes”, a literatura, para além de seu poder formativo, começou a ser encarada como um “remédio”: “Ela liberta o indivíduo de sua sujeição às autoridades, pensavam os filósofos; ela o cura, em particular, do obscurantismo religioso”.¹³ Foi, entretanto, no século XIX, no âmbito do movimento Romântico (movimento literário por excelência), no contexto das grandes transformações geradas pela Revolução Industrial

12 PRÉVOST, A. Aviso do autor. In: _____. *Manon Lescaut*. Trad. Annie Dymetman. São Paulo: Ícone, 1987, p. 8.

13 COMPAGNON, A. Ibid., p. 33

e pela crença no poder da Ciência e da Tecnologia, que esta noção da literatura enquanto remédio ou antídoto frente aos males trazidos pela Modernidade se afirma.

A literatura de imaginação, justamente porque é desinteressada — uma “finalidade sem fim”, assim como a arte se define desde Kant —, adquire um interesse novamente paradoxal. Se ela sozinha pode ter a função de laço social, é, com efeito, em nome da sua gratuidade e de sua largueza em um mundo utilitário caracterizado pelas especializações produtivas. A harmonia do universo é restaurada pela literatura, pois sua própria unidade é atestada pela completude de sua forma, tipicamente a do poema lírico. Na leitura [...] a consciência encontra uma comunhão plenamente vivida com o mundo. Assim, a literatura, ao mesmo tempo sintoma e solução do mal-estar na civilização, dota o homem moderno de uma visão que o leva para além das restrições da vida cotidiana.¹⁴

E mesmo que tenha havido, por parte dos partidários da arte pela arte, uma rebelião contra esse “resgate da literatura”, e que muitas vezes esta concepção “terapêutica” tenha sido considerada

¹⁴ Idem, pp. 35-6.

instrumental e ideológica, ainda na segunda metade do século XX, personalidades como Jean Paul Sartre evocam e reivindicam esse poder da literatura “de nos fazer escapar das forças da alienação ou da opressão”.¹⁵

Mas se na perspectiva iluminista e romântica a literatura se apresenta como remédio e antídoto contra a fragmentação da experiência subjetiva provocada pelo desenraizamento e pela divisão do trabalho na sociedade industrial, na perspectiva moderna ou modernista, como coloca Compagnon, a literatura aparece como remédio contra “os defeitos da linguagem”.¹⁶ Isto é, num mundo em que a cultura vai se tornando cada vez mais técnica e instrumental, a linguagem tende a se tornar pobre, utilitária e massificada. Ela deixa de dar conta, por exemplo, de realidades mais amplas e profundas, como a da dimensão dos sentimentos, das intuições, do sublime. Neste sentido, desde Mallarmé e Bergson, a literatura se concebe como um remédio não mais para os males da sociedade, mas, essencialmente, para a inadequação da língua. Ela aparece “para compensar a insuficiência da linguagem e de suas categorias discretas, pois só

¹⁵ Apud COMAPAGNON, Ibid., p. 34.

¹⁶ Idem, p. 37.

ela tem condição de exprimir o contínuo, o impulso e a duração, ou seja, de sugerir a vida”.¹⁷

A Modernidade, ao substituir o fundamento da visão e do conhecimento do mundo e do homem de uma perspectiva mítico-narrativa para outra de cunho intelectual-conceitual, impôs um léxico que, como apontava Bergson, possibilita dominar (ilusoriamente, diga-se de passagem) a vida, mas que falha no desafio de desposá-la.¹⁸ E assim, sem as palavras adequadas para traduzir e expressar o que sentimos, sem termos que nos ajudem a perceber e a nomear nossos assombros, êxtases e perplexidades frente ao movimento da vida, vamos todos adoecendo e nos desumanizando. A arte, de forma geral, e a literatura, muito particularmente, aparece neste contexto como remédio privilegiado ao restituir, “pela intuição e simpatia”, o que Bergson chama de movimento revelador.

Com efeito, há séculos que surgem homens cuja função é justamente a de ver e de nos fazer ver o que não percebemos naturalmente. São os artistas. A arte

¹⁷ Ididem.

¹⁸ BERGSON, Henri. A percepção da mudança. In: _____. *O pensamento e o movente: ensaios e conferências*. Trad. Bento Prado Neto. São Paulo, Martins Fontes, 2006, p. 155.

visa nos mostrar, na natureza e no espírito, fora de nós e em nós, coisas que não impressionavam explicitamente nossos sentidos e nossa consciência. O poeta e o romancista divulgam o que estava em nós mas que ignorávamos porque faltavam-nos as palavras. [...] À medida que nos falam, aparecem-nos matizes de emoção que podiam estar representados em nós há muito tempo, mas que permaneciam invisíveis: assim como a imagem fotográfica que ainda não foi mergulhada no banho no qual irá ser revelada.¹⁹

Acantonada pela ciência e pela perspectiva essencialmente técnica e utilitária da Modernidade, a literatura apresentar-se-ia assim como o arcaico sempre novo que dissolve o impasse da limitação da linguagem. “Ensinando-nos a não sermos enganados pela língua — aponta Compagnon —, a literatura nos torna mais inteligentes, ou diferentemente inteligentes. O dilema da arte social e da arte pela arte se torna caduco face a uma arte que cobiça uma inteligência do mundo que liberta das limitações da língua”.²⁰

Assim, dessa forma, desde o início do século passado, pensadores críticos da Modernidade vão

¹⁹ Idem.

²⁰ COMPAGON, A. Ibid., p 39.

procurando identificar e propor um novo poder e um novo papel para a literatura; um poder e um papel moderno que, paradoxalmente, possibilitaria enfrentar os impasses da própria Modernidade. Além de antídoto contra a alienação causada pelos sistemas políticos e ideológicos e de antídoto contra o enrijecimento tecnicista da linguagem, ela vai sendo vista, cada vez mais, como um antídoto contra a tecnificação do próprio pensamento filosófico.

Segundo Compagnon, desde Proust a literatura começa a ser vista como um “antídoto para a filosofia, um contrassistema ou uma contrafilosofia”. Ou seja, frente à uma filosofia que tendeu a se estruturar em sistemas de conceitos, na tentativa de se reposicionar frente a toda poderosa ciência moderna, e que com isso perdeu seu poder vital de despertar, emocionar e mobilizar o espírito humano, a literatura aparece como uma autêntica forma de pensar; uma outra filosofia que, fundamentada em dramas e imagens, e não em sistemas e conceitos, põe em movimento a inteligência sem renegar o sentimento e permite o acesso aos grandes temas da existência humana, sem distrair ou desviar para os intrincados labirintos do intelectualismo. Ainda de acordo com Compagnon, as próprias vanguardas teóricas do chamado pós-modernismo, mesmo que tenham

tentado, “não souberam renunciar ao poder que teria a literatura de exceder as limitações da língua e as fronteiras da filosofia”.²¹ Michel Foucault, por exemplo, a considerava como único tipo de discurso que escapa das determinações autoritárias do poder, e Roland Barthes a via como aquela que, “trapaceando com a língua”, a salvava do poder e da servidão.

Mais recentemente, com a obra *A Literatura em Perigo*,²² Tzvetan Todorov, um dos mais importantes e respeitados críticos literários da linha estruturalista (que procurava construir um sistema interpretativo da narrativa literária), desencadeou um verdadeiro terremoto dentro do universo acadêmico ao reconhecer o desserviço que décadas de esforço científico no campo da teoria e da crítica literária acabaram por realizar no domínio da experiência da leitura. Fazendo um verdadeiro mea culpa, Todorov verifica que, em seu esforço disciplinar, as ciências humanas e, em especial, a teoria literária, sequestraram a literatura do leitor comum, criando a aberração da leitura autorizada, que transforma a narrativa literária de instrumento em objeto de conhecimento científico,

²¹ Idem, p. 40.

²² TODOROV, T, Op. Cit.

dificultando enormemente a possibilidade da experiência criativa e libertadora da leitura. Defendendo, pois, a literatura como um meio de acesso a “uma verdade e a uma capacidade de estar no mundo” e não apenas como uma mera disciplina ou um “campo de estudo”, Todorov reforça e aprofunda esta tendência pós-moderna de revitalização da literatura como forma de conhecimento do humano e de humanização.

A LITERATURA HOJE: PARA QUÊ?

Todo este movimento de redescoberta e revalorização da literatura no âmbito das humanidades e até das ciências sociais configura-se como um indicativo do excepcional poder libertador e humanizador que ela pode vir a exercer não apenas no campo acadêmico e da cultura, como também no território mais amplo da vida social, abarcando dimensões tão essenciais como a da saúde ou do trabalho em empresas e corporações. Na prática, entretanto, tal poder libertador e humanizador ainda se apresenta muito mais como uma possibilidade ou promessa do que como algo já em curso. Mesmo no âmbito do pensamento, onde a influência desses teóricos se faz sentir de forma mais direta e imediata, o apego ao

conceitualismo e aos grandes sistemas filosóficos prevalece, levando a maioria dos intelectuais a considerarem a literatura mais como elemento ilustrativo e comprobatório dos arcabouços teóricos do que como meio de reflexão e conhecimento per si.

E se assim é no âmbito das universidades, não poderia ser diferente nos níveis mais básicos da educação. Aqui também, o discurso do resgate da arte e da literatura como meio de conhecimento e formação, apesar de suscitar vivo interesse e entusiasmo, pouco redundou em efetividade em termos de currículo e, menos ainda, em termos de prática educacional. Salvando talvez raríssimas exceções, o ensino das artes e da literatura continua sendo realizado no modelo tradicional, numa perspectiva centrada no conteúdo e na abordagem intelectualista. As obras literárias continuam a ser lidas e interpretadas como exemplos ilustrativos de determinadas escolas ou movimentos artísticos e ideológicos que se sucedem na história, e não como histórias ou narrativas em si, capazes de emocionar e despertar questionamentos sobre atitudes e valores humanos.

O resultado disso, como sabemos, é a desconfiança e mesmo o ressentimento que grande parte dos egressos dos bancos escolares desenvolvem em relação à literatura. Já são várias as gerações que

encaram a literatura, principalmente a clássica, a grande literatura, como algo pesado, difícil, árido e, principalmente, desinteressante; algo que talvez poderia ter significado e relevância em tempos passados, mas que agora não passa de coisa velha, ultrapassada. E assim, a necessidade instintiva do ser humano de se alimentar de histórias acaba sendo “suprida” por outros meios, certamente menos substanciosos e ricos que a grande literatura.

Por outro lado, quando, por algum prodígio do destino, estes mesmos jovens (ou já não tão jovens) se permitem fazer a experiência de uma leitura pura, desarmada, deixando de lado as prevenções e preconceitos adquiridos na escola e na vida, que surpresa manifestam! Isso porque, de repente, de forma absolutamente inesperada, descobrem que o que acreditavam difícil, árido ou mesmo incompreensível revela-se envolvente, estimulante. E que, superadas as inevitáveis dificuldades iniciais da leitura, oriundas das diferenças de contexto histórico e cultural, ou mesmo de vocabulário, a narrativa tem o poder de transportar — sequestrar mesmo — a atenção e a curiosidade, suscitando sensações, sentimentos e provocando questionamentos tão novos quanto profundos.

Por isso, como bem coloca Antoine Compagnon, neste pequeno e magistral “manifesto”²³ que estamos usando como referência principal nesta reflexão, “é tempo de se fazer novamente o elogio da literatura, de protegê-la da depreciação na escola e no mundo”.²⁴ Porque, se as coisas que a literatura pode ensinar são pouco numerosas, como nos adverte Italo Calvino,²⁵ por outro lado elas são insubstituíveis. E que coisas são estas? Nada mais do que “a maneira de ver o próximo e a si mesmo, de atribuir valor às coisas pequenas ou grandes, de encontrar as proporções da vida, e o lugar do amor nela, e sua força e seu ritmo, e o lugar da morte, a maneira de pensar e de não pensar nela”.²⁶ E também outras coisas “necessárias e difíceis como a rudeza, a piedade, a tristeza, a ironia, o humor”.²⁷ Enfim, como fonte de inspiração, a literatura — a leitura de romances, como especifica Compagnon — pode auxiliar

23 O livro *Literatura para Quê?* — conforme esclarece o editor e o tradutor da edição em português — constitui-se numa transcrição da aula inaugural de Antoine Compagnon no Collège de France, ocorrida no dia 30 de novembro de 2006.

24 COMPAGNON, A. *Ibidem*, p. 45.

25 CALVINO, Italo. *Por que ler os Clássicos?* Trad. N. Moulin. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

26 *Idem*, p. 30.

27 COMPAGNON, *Ibid.*, p.45.

de forma extraordinária no desenvolvimento de nossa personalidade ou em nossa “educação sentimental”. Pois,

Ela permite acessar uma experiência sensível e um conhecimento moral que seria difícil, até mesmo impossível, de se adquirir nos tratados dos filósofos. Ela contribui, portanto, de maneira insubstituível, tanto para a ética prática como para a ética especulativa.²⁸

Assim, neste contexto de embotamento afetivo e moral em que estamos vivendo, a literatura se ofereceria como um meio — alguns dirão até mesmo o único — de nos reencontrarmos com as fontes humanas da nossa existência e nos humanizarmos. Isso porque ela, em primeiro lugar, nos desperta emoções — ela nos afeta —, nos lembra que estamos vivos e que não somos meros zumbis encerrados num ciclo vicioso de produção e consumo. E, depois, porque ela desencadeia um processo de reflexão que nos ajuda a “rasgar a cortina das ideias feitas”, como diz Milan Kundera.²⁹

²⁸ Idem, p. 46.

²⁹ KUNDERA, Milan. *A Cortina: ensaio em sete partes*. Trad. Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo, Companhia das Letras, 2006, p. 114.

A literatura desconcerta, incomoda, desorienta, desnorteia mais que os discursos filosófico, sociológico ou psicológico porque ela faz apelo às emoções e à empatia. Assim, ela percorre regiões da experiência que os outros discursos negligenciam, mas que a ficção reconhece em seus detalhes.³⁰

Ao oferecer um conhecimento diferente do conhecimento convencional ou científico, ela possibilita compreender os comportamentos e motivações humanas de uma forma mais ampla e profunda, que vai além da visão algorítmica e que incorpora a emoção, a empatia e a intuição.

O texto literário me fala de mim e dos outros; provoca minha compaixão; quando leio eu me identifico com os outros e sou afetado por seu destino; suas felicidades e seus sofrimentos são momentaneamente os meus.³¹

Dessa forma, como meio de conhecimento heurístico que possibilita rever e ampliar a maneira como eu vejo o mundo, o outro e a mim mesmo, a literatura apresenta-se como um meio poderoso de conhecimento do humano e, portanto, de autoconhecimento.

30 Idem.

31 COMPAGNON, Ibid., p. 48.

A literatura nos liberta de nossas maneiras convencionais de pensar a vida — a nossa e a dos outros — ela arruína a consciência limpa e a má-fé. [...] Ela resiste à tolice não violentamente, mas de modo sutil e obstinado. Seu poder emancipador continua intacto, o que nos conduzirá por vezes a querer derrubar os ídolos e a mudar o mundo, mas quase sempre nos tornará simplesmente mais sensíveis e mais sábios, em uma palavra, melhores.³²

Reatando com uma perspectiva socrática de que o autoconhecimento nos liberta e nos torna melhores, a literatura aparece para todos estes grandes autores e pensadores da pós-modernidade como um instrumento incomparável. E assim, seja sob o influxo direto deste movimento revisionista no âmbito das humanidades e da crítica literária, seja como resposta quase que instintiva ao processo de desumanização imposto por uma visão excessivamente técnica, racionalista e cientificista da Modernidade, a literatura vem sendo proposta como remédio e alternativa em diversos âmbitos da vida social.

32 Idem, pp. 50-1.

LITERATURA COMO REMÉDIO: MODO DE USAR

Proposta, prescrita, sim, mas até que ponto entendida, aceita e praticada? E mesmo quando praticada, em que medida e com que efeitos?

São inúmeros os exemplos, oriundos inclusive da própria literatura, que expressam esse poder afetivo, mobilizador, transformador que a leitura de histórias, ficcionais ou não, pode exercer sobre uma pessoa. Já Santo Agostinho, por exemplo, apontava em suas *Confissões* como a leitura de certos livros tinha o poder de lhe “revolver as ondas do coração”.³³ Dom Quixote de La Mancha, imortal personagem de Miguel de Cervantes, foi de tal modo afetado pela leitura dos livros de cavalaria que acabou ele mesmo se transformando num cavaleiro andante. E Emma Bovary, a apaixonada e apaixonante personagem de Flaubert, de forma muito mais trágica do que cômica, envereda pelos inusitados caminhos da aventura amorosa tocada e mobilizada pela leitura de ardentes romances.

33 SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. 26ª Ed. Petrópolis, Vozes, 2012, p. 188.

Desde muito, os livros vêm sendo responsáveis por grandes transformações, conversões, em direções e com efeitos muito variáveis. E a própria literatura atesta que aqui neste domínio da experiência, tal como na dimensão da vida corporal, o mesmo remédio que cura pode também fazer mal e até matar, se não for adequadamente administrado.

Vivenciada como uma operação solitária e subjetiva, a leitura de obras literárias foi sempre considerada uma experiência tão poderosa quanto perigosa. E se nem sempre se tenha explicitado, no âmbito da ficção ou da crítica, a necessidade da supervisão, a importância, pelo menos, da interlocução é algo que, implícita ou explicitamente, aparece como elemento fundamental no contexto da experiência da leitura. Assim, fica evidente que não basta apenas incentivar ou promover a leitura de obras literárias, mas o que é preciso também, de alguma forma, acompanhar.

Ainda que essencialmente solitária, a leitura — sobretudo dos clássicos — pode ser algo excessivamente pesado e difícil para se enfrentar sozinho. Por outro lado, se vencidas as dificuldades iniciais de falta de hábito e compreensão, o grande poder mobilizador da leitura do ponto vista afetivo e reflexivo praticamente exige uma dinâmica de expressão e compartilhamento, concretizado

numa situação de interlocução, para que esse processo amplificador ocorra de forma saudável e produtiva do ponto de vista da humanização.

Um dos exemplos mais interessantes nesse sentido talvez seja a biblioterapia, que propõe a leitura de obras literárias como recurso psicoterapêutico. Abordagem fundamentada na teoria de catarse de Aristóteles e na psicanálise freudiana, a biblioterapia surgiu como proposta ainda na década de 1940,³⁴ porém só mais recentemente, no contexto da busca de abordagens alternativas para os efeitos patológicos causados pelo acirramento da dinâmica desumanizadora da vida moderna, que ela passou a ser mais difundida e utilizada em diversos contextos e modalidades.

Concomitantemente, contudo, com maior grau de difusão cabe assinalar o aparecimento dos grupos de leitura ou clubes do livro, nos quais leitores, de forma livre e descompromissada do ponto de vista acadêmico, se reúnem para compartilhar sensações, impressões e opiniões suscitadas pela leitura de determinada obra. Tais dinâmicas, ainda pouco estudadas, porém, em franco processo de expansão, parecem

34 CALDIN, Clarice F. *A leitura como função terapêutica: biblioterapia*. In Enc. Bibli. R. Eletr. Bibliotecon. Florianópolis, Brasil, n.12, 2001, p. 32-44.

operar como elemento incentivador da prática da leitura, ao mesmo tempo em que possibilita o desdobramento do processo reflexivo, formativo e humanizador que a experiência literária propicia. Disseminados em diversos âmbitos da sociedade, apresentando os mais variados formatos e estruturas, esses grupos ou círculos de leitura parecem ser uma resposta espontânea a este movimento quase instintivo de retorno à dimensão narrativa da experiência humana como forma de enfrentar as forças desumanizadoras da Modernidade. Neste âmbito, o Laboratório de Leitura, tendo nascido num contexto muito peculiar — numa escola de Medicina de uma universidade pública — e tendo se desenvolvido com um propósito bem definido — a formação humanística e a humanização dos futuros profissionais da saúde — acabou por se fundamentar e se estruturar de forma muito especial do ponto de vista teórico e metodológico — algo pouco comum no universo dos grupos ou círculos de leitura conhecidos.

Retomando a narrativa que vínhamos desenvolvendo no capítulo anterior, sobre a história e os objetivos do Laboratório de Leitura, no próximo capítulo apresentaremos a metodologia e dinâmica desta experiência estético-reflexiva que propõe a mobilização afetiva, cognitiva e volitiva de seus participantes.

3

Lablei: o experimento laboratorial

A DINÂMICA DO LABORATÓRIO DE LEITURA E SEUS MOVIMENTOS

Sendo historiador de formação e ofício, não posso deixar de compreender o Laboratório de Leitura como um fenômeno que responde, em grande medida, a essa demanda própria dos tempos que estamos vivendo — como vim ressaltando nos capítulos anteriores. A sua origem e estruturação, fortemente espontâneas, reforçam esta constatação. O LabHum e, no seu esteio, o LabLei, podem e devem ser vistos, assim, como tentativas de resistência humanística ou humanizadora frente ao solapador processo de desumanização associado aos desdobramentos dos projetos utópicos da Modernidade.